

CORDEIRO, Raimundo Paulo Monteiro*
<https://orcid.org/0000-0003-4596-5191>

RESUMO: Este artigo procura mostrar a presença da cultura musical, especificamente das bandas musicais, nos cortejos fúnebres em sepultamentos de familiares tradicionais pertencentes a uma elite. O objetivo é compreender o papel desenvolvido pelas bandas na tradição de acompanhamentos nesses cortejos. A metodologia envolveu pesquisa documental em arquivos da cidade de Vigia-PA, pesquisa bibliográfica para análise dos dados, pesquisa de campo, análise qualitativa e entrevistas semiestruturadas. Dentre os principais autores, estão Cordeiro (2016), Salles (1985), Reis (1997), Silva (2005) e Leite (1965). Este trabalho revela como a mobilidade da rivalidade propagou e manteve uma rica cultura musical nesta cidade, no nordeste do estado do Pará.

PALAVRAS-CHAVE: Sepultamento;
Bandas musicais; Préstitos fúnebres.

ABSTRACT: This article aims to demonstrate the presence of musical culture, specifically musical bands, in funeral processions for the burials of traditional family members belonging to an elite. The objective is to understand the role developed by the bands in the tradition of accompaniments in these processions. The methodology involved documentary research in archives of the city of Vigia-PA, bibliographic research for data analysis, field research, qualitative analysis, and semi-structured interviews. Among the main authors are Cordeiro (2016), Salles (1985), Reis (1997), Silva (2005), and Leite (1965). This article reveals how the mobility of rivalry propagated and maintained a rich musical culture in this city in the northeast of the state of Pará.

KEYWORDS: Burial; Musical Banda;
Funeral Services.

* Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro – Mestre em Estudos Antrópicos na Amazônia, pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia, do Campus Universitário de Castanhal - Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Saberes Africanos e Afro-brasileiros na Amazônia, pela UFPA. Licenciado Pleno em História e membro do Grupo de Pesquisa História em Campo da UFPA. E-mail: paulocordeirovigia@gmail.com

INTRODUÇÃO

A cidade da Vigia, localizada na mesorregião nordeste do Pará, a 93 km de Belém, é uma das cidades mais antigas desse estado. Atualmente é responsável por grande parte da produção de peixe comercializado no município, tornando a pesca sua principal atividade econômica. Ratificando a posição quanto ao potencial da pesca, temos a pesquisa de Paula (2018), que entre os anos de janeiro de 2008 e dezembro de 2010, assegura que dos 16 municípios pesqueiros no Pará, Belém e Vigia foram responsáveis por 56% de um total de 40.769 toneladas de pescado.

Segundo o último recenseamento, a população do município de Vigia foi estimada em 50.832 habitantes (IBGE, 2022). Entre os diversos aspectos culturais dessa sociedade, esta pesquisa mostrará os cortejos fúnebres com a participação das bandas musicais. A cidade da Vigia tem uma rica cultura musical de bandas, contando atualmente com oito bandas em plena atividade: a Banda 25 de Dezembro (25 de dezembro de 1925 – vila de Porto Salvo), a Banda maestro Vale (06 de janeiro de 2008- Centro da cidade), a Banda Isidoro de Castro (20 de janeiro de 2010 – Bairro Arapiranga), a Banda Raimundo Nobre (18 de março de 2017 -Vila de Juçarateua do Pereira), a Banda de Santa Rosa (14 de novembro de 2021 – Vila de Santa Rosa), Associação musical Guarimã (17 de julho de 2022 – Vila de Santa Maria do Guarimã), a União Vigienense (13 de maio de 1916 – Centro da cidade) e a Banda 31 de Agosto (uma das mais antigas do Pará, fundada em 31 de agosto de 1876 – Centro da cidade).

Antes de adentrarmos na pesquisa propriamente dita, faremos um breve comentário a respeito dos funerais e seus locais de enterramento no século XIX, na cidade de Vigia, no estado do Pará. Os enterramentos eram atribuições das Irmandades religiosas (Nossa Senhora de Nazaré, Divino Espírito Santo, Nossa

Senhora do Livramento, Glorioso Mártir São Sebastião, Bom Jesus dos Passos, Nossa Senhora da Luz, S. S. Sacramento, S. S. Trindade dos Meninos, S. S. dos Homens Pardos), nos séculos XVIII e XIX nessa sociedade. Para termos uma maior compreensão, utilizemos as prestações de contas de nove Irmandades e alguns testamentos como fontes principais para entendermos a cultura dos funerais.

De acordo com Cordeiro (2013, p. 10), as irmandades religiosas foram muito importantes para o fortalecimento da religiosidade cristã e fonte de lucro para a igreja e para a sociedade:

O espírito de fé, caridade, festividade, diversão e prazer estava constantemente presente na cidade da Vigia desde o século XVII. As Irmandades contribuíram como a principal promotora, sobretudo, com as procissões que preenchiam as estreitas ruas dessa cidade. Tais procissões, que estavam em volta das festividades, somavam altos recursos financeiros das irmandades que sobreviviam de anuidades pagas pelos membros e esmolas esporádicas (deixadas em testamentos ou concedidas nas ruas da cidade, nos sítios, nas povoações, em outras cidades próximas e até Macapá). Entretanto, havia, sim, uma obrigatoriedade por parte das irmandades no sentido de formalizarem suas instituições por meio de compromisso, o qual era a lei que regia cada irmandade.

Os pagamentos realizados anualmente pelos devotos/as das irmandades eram revertidos para o pagamento das missas que o padre rezava em intenção da alma do devoto/a. Aquele dinheiro não era somado às despesas da irmandade, pois era uma das obrigações da irmandade com os devotos, a garantia da missa em prol da sua alma.

O imaginário da morte, nessa época, estava voltado para a salvação da alma. Segundo Reis (1997), a postura diante da morte e dos mortos foi tomando novas formas e tendo novos objetivos ao longo do século XIX. A morte não era vista como o fim do corpo apenas, pois o morto seguraria em espírito rumo a outro mundo, a outra vida. Acrescenta esse autor que, para escapar mais rapidamente do Purgatório, além do arrependimento na hora da morte, os mortos precisavam da ajuda dos vivos, na forma de missas e promessas a santos. A

existência do Purgatório permitia e promovia a relação entre vivos e mortos (REIS, 1997).

Entendemos que, por ser membro de uma irmandade, ao irmão/a devoto/a estava garantida uma “boa morte” e também a aquisição de certo status na sociedade vigiense. Muitos pertenciam a várias irmandades. A irmandade de Nossa Senhora de Nazareth é a mais antiga da Vigia; as outras surgem posteriormente no século XIX.

Nas irmandades, estes ritos fúnebres eram encarados com a maior seriedade possível, sendo comum aos compromissos um artigo tratando dos sufrágios pelos irmãos falecidos. A pomposidade dos ritos fúnebres pelos irmãos falecidos variava conforme os recursos disponíveis em cada irmandade. Em algumas cidades no Pará, de acordo com Henrique (1997), muitas irmandades realizavam com frequência, e até em seus compromissos havia esse propósito.

Esmolas eram tiradas, leilões eram realizados, bailes, soirée dançante, banda musical, fogos, ladainhas, novenas, missas, procissão, cartas distribuídas, arraial enfeitado - enfim, caridade, fé e festividade eram de praxe nas irmandades religiosas da Vigia no século XIX. Entre elas, apenas duas possuíam caixão, o qual era alugado e somava à receita destas irmandades: a de Nossa Senhora de Nazareth e S. S. de Livramento.

Por meio de uma pesquisa documental e bibliográfica sobre a cultura funerária, partindo dos documentos de algumas irmandades presentes em Vigia nos séculos XVIII e XIX, além de jornais desses períodos, passaremos a descrever e entender como os cortejos fúnebres, seguidos da música de banda, passaram a possuir um pressuposto de pompa para a elite da sociedade vigiense.

FUNERAIS ATRAVÉS DOS TESTAMENTOS SEM A PRESENÇA DAS BANDAS

Encontramos diversos testamentos do século XIX na cidade de Vigia. Em todos, não constam enterros realizados pelas irmandades com cortejo fúnebre de grande pompa, como era comum nas irmandades do Pará e do Brasil.

Nos testamentos, estes cortejos ficavam a cargo da família. Porém, em muitos dos testamentos consultados está declarado que deveria ser rezada a missa e a capela de missa, além dos sinais sonoros do sino da igreja noticiando o falecimento. Foi o que declarou no testamento a senhora Joana Innocencia da Silva, em 1884:

Primeiramente, logo que eu falleça e tenha de dar-se o meu corpo à sepultura, deixo a cargo de meu testamenteiro e inventariante a direção de meu funeral. Declaro mais que é minha vontade que não haja por minha morte senão as signas ou dobres de sinos recomendados pelo rito da Igreja em tais circunstâncias, e somente as recomendações que a mesma Igreja ordena em toda a simplicidade (CORDEIRO, 2013, p. 49).

Sepultamento sem pompa e dobras de sino nos fúnebres eram comuns nos testamentos do século XIX, mostrando com isso que as irmandades religiosas na cidade de Vigia estavam mais voltadas para as festividades do que para a morte. Foi o que declarou em testamento o senhor Braz José Lopes, em 1870:

Fallecendo quero ser sepultado num dos cemitérios desta cidade, e sem pompa alguma, assegurando apenas tres ou quatro signaes, para avizo das pessoas que revestidas de caridade christã, quizerem fazer a obra sua de acompanhar o meu cadáver a seu último jajizo”. Declarando também que “por minha alma se digão oito missas nos dias subseqüentes ao meu fallecimento. (CORDEIRO, 2013, p.51).

Na cidade de Vigia, era tradição, na Igreja Matriz, o sineiro realizar o “toque fúnebre” anunciando a morte de alguém. Pagava-se uma taxa ao sineiro, para realizar o “dobre fúnebre”. Neste toque, utilizavam-se os três sinos; cada dobre era uma taxa, alguns mandavam bater apenas um dobre, outros vários dobres, a cada meia hora. Contudo, o toque fúnebre não era permitido no

período de festividade: Semana Santa, dias santos e Círio, e nem aos domingos. Aos sábados apenas até às doze horas. Na quinta-feira santa, o sino não tocava até a ressurreição no domingo. Quem morresse nestes dias não teria o toque fúnebre em seu funeral. Este toque era triste, diferente do toque solene que é mais alegre.

Na atualidade (2024), o toque fúnebre quase não se escuta. Em muitos testamentos, além dos sinais tradicionais dados pela Igreja, solicitavam também que os sinos repicassem ainda mais. O sineiro e o padre eram pagos por um dos herdeiros do falecido/a pelos seus serviços. Nessa perspectiva, Soeiro (2008, p. 73) argumenta que uma das funções das irmandades “era cuidar da boa morte de seus irmãos (funeral, caixão, local da sepultura, missas, etc.), na cidade de Vigia, nas décadas finais do século XIX”.

Todavia, as fontes direcionam outra possibilidade, demonstrando que a motivação para o ingresso nessas associações não era procurar ajuda para os momentos finais da vida terrena, mas sim a resolução de problemas cotidianos por meio da devoção a um santo do catolicismo popular. Assim, as doações em produtos ou em dinheiro feitas para a irmandade ajudavam a manter o culto ao santo e, ao mesmo tempo, “aliviar a consciência” daqueles que receberam a graça do milagre.

A pompa dos funerais, que outros autores citam para regiões diversas do Brasil, também não foi constatada em Vigia no período de estudo, onde tanto os funerais quanto os mausoléus eram bastante simples, mesmo daqueles promovidos pelas famílias abastadas. Contudo, mesmo que a Igreja Católica tenha perdido influência e prestígio no deslocamento dos enterramentos, manteve-se presente por meio de capelas que eram erguidas no interior dos cemitérios (SOEIRO, 2008).

Os enterramentos nos cemitérios públicos representam um grande elemento de mudança no imaginário de morte da época, concordante com as medidas de higiene que ganhavam força nas instâncias do Estado e nos

discursos médicos da época, aceitos lentamente pela população. Dessa forma, de acordo com Silva (2005, p. 17):

As transformações nos espaços citadinos e o processo de desodorização e higienização são indicadores significativos da tentativa de controle social. Os mortos não ficaram de fora desse controle, pois se criaram espaços destinados aos mesmos em lugares afastados da cidade. Dessa forma, o processo de transferência dos locais de enterramento não foi imediato, já que a sociedade estava acostumada a sepultar os seus mortos em igrejas.

A partir dessas medidas, foram construídos os primeiros cemitérios a céu aberto na cidade de Vigia, em meados do século XIX. Há registro de que, em janeiro de 1868, já existia cemitério a céu aberto, pois, anteriormente, os sepultamentos eram realizados nos arredores e até mesmo no interior das igrejas.

A RAIZ DA CULTURA MUSICAL NA CIDADE DE VIGIA- PA

Percebemos que, nos séculos passados, não havia nos cortejos fúnebres o acompanhamento de banda de música; essa cultura surge no século XIX. Para compreendermos o processo da cultura musical na cidade de Vigia, é necessário perceber que uma das maneiras mais plausíveis que os jesuítas encontraram para a catequização dos povos indígenas foi a introdução da música.

De acordo com Gomes (1990), ao chegarem ao Brasil, os primeiros jesuítas perceberam que a mera tradução da mensagem cristã para o Tupi estava longe de garantir a conversão dos nativos. A catequese apenas se concretizaria à medida que as inúmeras diferenças culturais fossem substituídas por códigos comuns. E, graças à convivência entre crianças brancas e indígenas, no colégio fundado pelos padres da Companhia de Jesus, ficou claro que a música poderia ser o melhor meio de tocar o sentimento religioso do habitante do Novo Mundo.

Na cidade de Vigia, os jesuítas chegaram no decorrer do século XVII. Os missionários procuraram congregar os indígenas em aldeamentos e fazendas, fazendo o descimento e alojando-os em aldeamentos. Logo, trataram de realizar de imediato as missões, às margens das terras do donatário português Jorge Gomes de Alamo, onde passaram a residir com os indígenas.

Na vila de Vigia, de acordo com Leite (1965), os jesuítas construíram as seguintes missões que ficaram conhecidas por: Tabapará (Taupará), Cabu (Colares), Fazenda Mumaiacu (Porto Salvo), Penha Longa e Fazenda de São Caetano (Odivellas). Descidos os indígenas, a eles se ensinavam novas técnicas de trabalho, assim como a doutrina cristã. Eram batizados e assistidos na hora da morte. Tornavam-se cristãos (GOMES, 1990). Cumpre lembrar, porém, que a característica fundamental desse trabalho encontra-se identificada com a doutrinação. E a base principal para essa realização era a música.

Segundo Salles (1985, p. 133), o interesse dos jesuítas pela música e pelo seu ensino está relacionado principalmente à sua legislação interna. Pode-se destacar o parágrafo 15 que cita que: "nas escolas de ler e escrever das aldeias, havendo número bastante, ensinem-se também a contar e a tanger instrumento". Através dos ensinamentos musicais por parte dos jesuítas aos indígenas e, posteriormente, aos filhos da elite portuguesa, foi possível construir uma rica cultura musical, em que as bandas musicais têm sua raiz nas missões jesuíticas.

Na atualidade, Vigia, como vimos, possui oito bandas musicais. Porém, durante os cortejos fúnebres de 1923 a 1929, período escolhido para esta pesquisa, existiam apenas duas bandas musicais: a 31 de Agosto e a União Vigieense.

AS BANDAS DE MÚSICAS NOS FUNERAIS

De acordo com Salles (1985), o termo "Banda de música", na cidade da Vigia, só apareceu em 1836 - na época da Cabanagem. Porém, estava

relacionado à corporação militar. No caso do Batalhão da Infantaria, tal banda era constituída por dez músicos e um mestre. Esse autor afirma que a cidade de Vigia foi o primeiro município do Pará a constituir uma banda musical desta natureza.

Contudo, é preciso recuar um pouco mais e notar, por meio da Ata do resumo das festas realizadas na Vila de Nazareth da Vigia, que, na festa em comemoração à Adesão da cidade da Vigia à Independência, em 1823, é possível identificar a participação de Banda de música. Evidentemente, a documentação disponível no Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGV) não cita esse termo, mas informa que “a 4ª Companhia de Milícia, com a música em grande uniforme, fez alto na Praça, em frente à Casa do Senado”. Na ocasião, “cantou-se Missa solene, e no fim um ‘Te Dum’; tudo foi executado pela melhor música que se pode arranjar”.

Nessa festa, encontramos a participação de orquestra e “(...) outros tantos para os Músicos, que todos ocuparão a Casa fronteira no Senado, onde se recitavam peças primorosas, em versos alusivos ao louvor de Suas Majestades, durou a orquestra até às 11 horas, terminando assim o primeiro dia”. A participação desses músicos naquele evento histórico, ocorrido na vila de Vigia, não foi apresentada apenas para aquela festa. Há notícia da existência de companhias de Milícia presentes desde 1800 na vila da Vigia. Entretanto, segundo o Recenseamento do Grão-Pará de 1778, a vila da Vigia já possuía Companhia de Milícias.

Em 1835, durante o período da Cabanagem (revolução social no Pará, ocorrida de 1821 a 1836), a vila da Vigia foi palco desse acontecimento. E, após ter sido restaurada pelas forças legalistas, a vila começa a passar por um processo de estabilidade econômica, política e social. No dia oito de março é restaurada a Câmara Municipal e os moradores começam a voltar para suas casas. De acordo com Raiol (1970), o padre regressa à vila da Vigia e traz em sua companhia a padroeira Nossa Senhora de Nazareth, levando-a em procissão à Igreja Matriz, acompanhada da música da Banda Militar.

Provavelmente, muitos desses músicos militares eram portugueses e vigilenses¹.

A banda de música civil na cidade da Vigia, pelas fontes utilizadas, só aparece em 1876, com a fundação da Banda 31 de Agosto. Porém, nas edições do jornal local *O Espelho* de 1878/1879, não é mencionado o nome dessa Banda. Isso foi encontrado nas prestações de contas das Irmandades do século XIX: músicos, orquestra, música instrumental e também bandas.

Portanto, se dez músicos e um mestre formavam uma Banda musical, então, possivelmente, essa denominação remonta ao século XVIII na vila da Vigia, pois esses músicos provavelmente já vinham acompanhando a festividade religiosa de Nossa Senhora de Nazareth, desde a fundação da Irmandade de N^a. Sr^a. de Nazareth, quando passaram a organizar a festividade em 1752.

Nesta festividade, os músicos tocavam nas ladainhas, nas novenas e acompanhavam tocando nas procissões. Todo o custo da festividade - como, por exemplo, fogos, compras diversas e os músicos - era pago pelo tesoureiro das Irmandades. Temos notícia do termo "banda de música" no jornal *O Espelho*, na edição do dia 16 de fevereiro de 1879, em uma pequena nota denominada "A' um Sulpiciano":

Sua banda, padre mestre,
Já tem cor de franciscano.
Nos diga, seu reverendo:
Ella é mesmo de panno?

Um "padrezinho bonito"
Com uma banda "furta-cor"
Ande na moda, meu padre,
Olhe que você é doutor (?).

¹ Pessoa que nasceu na vila e depois cidade da Vigia, esse termo passou a ser Vigiense, no século XX.

Essa pequena nota crítica do articulista do jornal citado ao padre Mancio Caetano Ribeiro, em relação ao uniforme, percebe-se que temos a cor marrom da Banda 31 de Agosto e que havia até a dúvida se as camisas eram mesmo de pano. Trata-se do reconhecimento factual de uma banda civil na cidade da Vigia.

No século XIX, as orquestras (bandas musicais) participavam das festividades religiosas organizadas pelas irmandades; nas festas dançantes, chamadas na época de “reunião familiar” e, posteriormente, *soirée*, nas quais a orquestra tocava seus repertórios e animava as festas nos vastos salões de residências de pessoas influentes da elite vigiense.

Participavam também de manifestações culturais, como, por exemplo, os Bois-Bumbá, Cordões de Pássaro e de Bichos e Folia de Reis. No século XX, as bandas musicais passaram a integrar os cortejos fúnebres dos associados que faleciam, além dos festejos políticos, e animavam também os jogos de futebol nos campos da cidade. Grupos de músicos formavam os conjuntos musicais conhecidos por “Jazz”, que logo passaram a animar as festas sociais, em geral, promovidas pelas sociedades e clubes da época.

A Banda musical 31 de Agosto foi fundada no dia 26 de dezembro de 1876; essa é a mais antiga em atividade no estado do Pará, por nunca fechar sua porta. Por antagonismo de ideias, grupos de músicos dessa banda saíram e, posteriormente, fundaram a nova banda na cidade de Vigia: a União Vigiense, em 13 de maio de 1916.

Cortejo fúnebre acompanhado de Banda Musical em Vigia no século XIX é pouco ou quase nada documentado. Nas festividades religiosas e políticas, há fontes nas prestações de contas das irmandades e nos jornais do período. No entanto, uma informação muito importante e relevante que nos traz uma visão mais ampla em relação à banda musical que acompanha o cortejo fúnebre, data do século XIX.

Essa informação foi obtida pelo anúncio do falecimento do professor Quintino de Araújo Nunes, ocorrido no dia 14 de janeiro de 1893. Segundo o jornal *O Democrata* (Belém), o falecimento ocorreu às 6h, e o cortejo fúnebre foi realizado às 16h30 até o cemitério público, acompanhado de irmandades, membros da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”, professores, comerciantes, familiares e cidadãos de todas as classes. A Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”² custeou todo o gasto com o caixão. Logo pela manhã todo o comércio fechou as portas, as casas comerciais. Durante o cortejo fúnebre, “a Sociedade musical 31 de Agosto, da qual o finado era vice-presidente, fez-se também representar, tocando marchas fúnebres na saída do enterro e ao recolher-se ao cemitério”³.

As Bandas musicais 31 de Agosto e União Vigienze, na época, eram compostas por um quadro de associados que pagavam uma taxa mensal. Um dos direitos estabelecidos nos Estatutos dessas Bandas a seus associados era que, ao falecer um sócio, deveria ser hasteada a bandeira a meio mastro, além da banda ter que acompanhar no cortejo fúnebre até o cemitério público da cidade.

Quando determinada pessoa era associada às duas -andas, ambas acompanhavam o cortejo tocando marchas fúnebres. Geralmente, essas marchas eram composições de Gregório Alves, da Banda 31 de Agosto, e de Serafim Raiol, da Banda União Vigienze.

Como músico e ex-maestro da Banda 31 de Agosto, Raimundo Vasconcelos Nogueira chegou a participar de vários desses cortejos fúnebres,

² O Professor Quintino de Araújo Nunes, foi o idealizador, um dos fundadores e o 1º presidente da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto” fundada no dia 1º de outubro de 1871, na cidade de Vigia. Sobre essa Sociedade ver, CORDEIRO, PAULO. *Obras Literárias Condenadas da Sociedade Literária “Cinco de Agosto”* (1905 – 1910). Belém: Ed. Cabana, 2021

³ Jornal *O Democrata*, Belém, 17 de janeiro de 1893, p. 2. Nº 13, Ano, IV. Encontra-se na Hemeroteca da Biblioteca do CENTUR (Belém).

inclusive no cortejo no funeral do padre Alcides Paranhos⁴, em 1951. O último funeral de que participou tocando foi no dia 25 de dezembro de 1988, do mestre Simi, dessa Banda⁵.

Para compreendermos a dinâmica dos funerais acompanhados das Bandas musicais na cidade de Vigia, utilizei como fontes principais os jornais locais: *O Lusco-Fusco* (1923), *Gazeta da Vigia* (1924 a 1926) e *O Critério* (1929). Esses funerais eram publicados no espaço denominado “Obituário”.

Durante o período pesquisado, havia na cidade de Vigia dez Sociedades: a Sociedade Cinco de Agosto, São Sebastião, São Pedro, do Grêmio Marítimo Vigieense e a Artística (todas beneficentes); 31 de Agosto e União Vigieense (musicais); Uruitá, Luzeiro e União (esportivas). Todas essas Sociedades tinham seus quadros de sócios que contribuíam financeiramente para os cofres das mesmas. Inclusive, de acordo com seus Estatutos, era destinada uma ajuda para o enterro de um associado ou um pecúlio no caso de invalidez. Sendo bancados funerais e missa. Certas pessoas da elite vigieense eram sócias de mais de uma dessas associações. Além dos associados das bandas musicais, os músicos, quando falecidos, também eram acompanhados pela banda no cortejo fúnebre com consentimento dos familiares.

OS REGISTROS FÚNEBRES NAS PÁGINAS DOS JORNAIS

⁴ Em 1910, o padre Alcides Paranhos assumiu o patronato da Banda 31 de Agosto. Natural de Belém, era músico e compositor, além de mestre de capela e diretor do coro do Seminário Arquidiocesano de Belém. Sua sólida formação musical foi essencial para o fortalecimento da Banda, à qual dedicou atenção e recursos. Compôs diversos dobrados, hinos, ladainhas, além de marchas solenes e fúnebres. Durante os 41 anos de vicariato na cidade da Vigia, aquele padre raramente regia essa Banda, ocupando a função de mestre e contramestre. Também era sócio e comprou vários instrumentos musicais para a Banda.

⁵ Depoimento de Raimundo Vasconcelos Nogueira, de 85 anos. Conhecido por “Parafuso”, entrevista realizada em sua residência na cidade da Vigia, em julho de 2016. (*In memoriam*)

Entre os falecimentos noticiados no jornal *O Lusco-Fusco*, temos o ocorrido no dia 11 de novembro de 1923, ocasião em que as casas comerciais fecharam as portas e houve a participação das duas bandas musicais acompanhando o préstito fúnebre até o cemitério público da cidade de Vigia. Trata-se da cerimônia fúnebre da senhora Virginia da Luz Ferreira, que era sócia honorária da Banda 31 de Agosto, e a bandeira da banda ficou hasteada “meia varga” em frente à sede social. De acordo com aquele jornal,

As casas comerciais Dario, Campos, Loja Nazareth e outras cercaram as suas portas em sinal de pesar. A Sociedade “Trinta e um de Agosto” da qual a venerada era sócia honorária, mandou hastear à meia varga o seu pavilhão, por meio de um ofício, licença para que a sua banda tomasse parte nos funerais. (...) Na da família, durante o trajeto, e no cemitério, as bandas musicais “Trinta e uma de Agosto” e “União Vigiense” executaram sentidas marchas fúnebres⁶.

Aquela senhora pertencente a uma das “famílias tradicionais” tinha envolvimento na política da cidade de Vigia. Seu esposo era o major Cassiano José Ferreira, ex-Intendente na cidade de Vigia. Conforme a nota do jornal citado, a mesma senhora faleceu cerca de 15h30 minutos em sua residência na rua de Nazaré.

As casas comerciais Dário, Campos, Loja Nazareth e outras fecharam suas portas em sinal de pesares. A Sociedade musical 31 de Agosto, da qual a falecida era sócia honorária, hasteou à meia verga o seu pavilhão. E o mesmo aconteceu com a Banda União Vigiense, à qual ela era também associada. O sepultamento aconteceu no dia seguinte, acompanhado de diversas pessoas, do major Luciano Neves, chefe do município, e das duas bandas musicais. Antes do cortejo fúnebre, as bandas tocaram na residência da família, na Igreja Matriz ou na Capela Bom Jesus dos Passos.

⁶ Jornal *O Lusco-Fusco*, cidade da Vigia, 11 de novembro de 1923. Ano. I, N. 21, p. 2. Encontra-se no arquivo da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”

Outro exemplo de cortejo fúnebre acompanhado pelas duas Bandas musicais, foi o da senhora D. Maria C. d'Oliveira Pantoja, que faleceu no dia 27 de maio de 1923⁷, noticiado no mesmo jornal *O Lusco-Fusco*,

(...) o enterramento da distinta senhora, efetuou-se no dia seguinte, após a missa de corpo presente, celebrada pelo Rev. Padre Alcides Paranhos, digno Vigário da Parochia. Saindo da Igreja Matriz, o féretro acompanhado das associações, religiosas, das autoridades locais, comerciantes, famílias e cavalheiros de todas as classes sociais, acompanhando também, as bandas musicais 31 de Agosto e União Vigienense, até a necrópole da Soledade⁸.

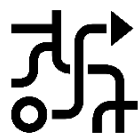
A senhora era mãe do Monsenhor vigienense Argemiro Pantoja. A missa de corpo presente foi realizada pelo vigário Alcides Paranhos na Igreja Matriz, e de lá o cortejo fúnebre seguiu até o cemitério público acompanhado pelas Associações religiosas, das autoridades locais, dos comerciantes e das Bandas musicais 31 de Agosto e União Vigienense.

Nos jornais que utilizamos como fontes, foram encontrados vinte e sete préstitos fúnebres acompanhados por bandas musicais. Desse total, oito cortejos foram acompanhados pelas duas bandas: 31 de Agosto e União Vigienense. Essa questão estava relacionada à rivalidade existente na época entre as duas Bandas. Os que eram sócios de ambas as bandas preferiam manter-se neutros nesta questão, mas a grande maioria se envolvia. Essa rivalidade iniciou com a fundação da rival: a Banda União Vigienense, que surge de uma dissidência de músicos da 31 de agosto, insatisfeitos com a gestão vigente na época. Rivalidade esta que não ficou só neste espaço, foi muito além ao campo musical⁹.

⁷ Jornal *O Lusco-Fusco*, cidade da Vigia, 17 de junho de 1923. Ano. I, N. 12, p. 3.

⁸ Jornal *O Lusco-Fusco*, cidade de Vigia, 17 de junho de 1923. Ano I, N. 12, p. 3.

⁹ A rivalidade entre as bandas 31 de Agosto e União Vigienense foi fundamental para a manutenção e atividade desenvolvida na sociedade vigienense. Pois, a partir do momento da fundação da União Vigienense, criaram-se grupos de músicos, familiares e simpatizantes na disputa por eleger a “melhor banda” da cidade da Vigia. Tal rivalidade impedia que a banda União Vigienense não tocasse na frente do cortejo do



Dois sepultamentos com a presença das bandas musicais chamaram a atenção, por envolverem três crianças. É possível que, em certos casos, todos da família fossem sócios de alguma Banda ou até mesmo das duas Bandas. No dia 21 de julho de 1924, informou o jornal *Gazeta da Vigia* que, às 17h, faleceu a criança Dulcelina, filha de José Lino Rabelo e da senhora Tharcila da Costa Rabelo. No dia seguinte, às 16h, realizou-se o enterro acompanhado da Banda musical União Vigiense e de grande número de pessoas até o cemitério de São Francisco.

Pelas 5 horas da tarde, a inexorável Parca arrebatou deste mundo a interessante criança, extremosa filhinha do nosso amigo José Lino Rabello e de sua fiel consorte D. Tharcilla da Costa Rabello, no coração dos quais ficou gravada a mais acerba saudade.

No dia seguinte, às 16 horas, efetuou-se o enterro da inocentinha, acompanhado da banda musical União Vigiense e de grande número de pessoas. O cadaverzinho da miga Dulcelina foi sepultado no cemitério de S. Francisco de Penitencia¹⁰.

De acordo com o jornal *O Lusco-Fusco*, na residência do senhor tenente Walfrido de Antonio de Campos, após longos meses de sofrimento, faleceu no dia 28 de setembro de 1923 o seu filhinho menor de idade, Setembrinho Saldanha de Campos. O sepultamento aconteceu no dia seguinte, às 17h - dia em que o menino completara um ano de idade. O cortejo fúnebre foi acompanhado por inúmeras pessoas e a Banda União Vigiense até o cemitério São Francisco¹¹.

Círio de Nossa Senhora de Nazaré, isso ainda é realizado pela banda 31 de Agosto. Grupos de familiares e simpatizantes eram sócios apenas da banda "de coração". Cada simpatizante acreditava que os dobrados tocados, por cada banda, eram melhores executados pela banda de sua preferência.

¹⁰ Jornal *Gazeta da Vigia*, 15 de agosto de 1924. Ano. I, N. VI, p.3. Encontra-se no arquivo da biblioteca Literária e Beneficente "Cinco de Agosto" na cidade da Vigia.

¹¹ Jornal *O Lusco-Fusco*, cidade da Vigia, 21 de outubro de 1923. Ano, I, N. 20, p. 20. Encontra-se no arquivo da biblioteca Literária e Beneficente "Cinco de Agosto".

Dois anos do falecimento do filho, no dia 14 de junho de 1925, o jornal *Gazeta da Vigia*, anunciava o falecimento do tenente Walfrido Campos, pela manhã às 7h30 saindo o sepultamento na residência dos familiares na cidade da Vigia, acompanhado das Bandas União Vigieense e a 31 de Agosto, conforme o jornal,

Às duas horas da tarde de 14, foi o cadáver transportado para esta cidade, sendo conduzido para a residência da família enlutada, de onde teve lugar o sahimento fúnebre às 7 1/2 horas da manhã de 15, com avultado acompanhamento, tocando sentidas marchas as bandas musicais, “União Vigieense” e “31 de Agosto”¹².

O último registro aconteceu no dia 23 de julho de 1925, segundo o jornal *Gazeta da Vigia*, a criança Maria Amelia, de menos de um ano de idade, filha de Deocleciano Barboza e da senhora Carmen Monteiro Barbosa. O cortejo fúnebre foi acompanhado de pessoas amigas da família, alunos do Externato Cinco de Agosto, tocando marchas fúnebres, juntamente com a Banda 31 de Agosto¹³.

O mesmo jornal anunciara o falecimento da senhora Alexandrina F. Trindade, esposa do comerciante Raymundo Ferreira Trindade, ocorrido no dia 8 de dezembro de 1926. A sala principal da residência da falecida foi transformada em “câmara-ardente”, onde o corpo repousava em “custoso ataúde” forrado de veludo negro com inscrições prateadas, estando a morta vestida com um rico hábito de Nossa Senhora do Carmo. O préstito fúnebre aconteceu na tarde do dia seguinte, tendo sido realizadas as “encomendações religiosas” pelo vigário da paróquia. Tocaram marchas fúnebres as bandas musicais: 31 de Agosto e União Vigieense¹⁴.

O jornal *Gazeta da Vigia* anunciou, no dia 8 de fevereiro de 1925, o falecimento do português Antonio Ferreira, comerciante residente há cerca de

¹² Jornal *Gazeta da Vigia*, 5 de junho de 1925. Ano II, N. XXII, p. 3.

¹³ Jornal *Gazeta da Vigia*, 23 de agosto de 1925. Ano, II, N. 25, p. 3.

¹⁴ Jornal *Gazeta da Vigia*, 8 de dezembro de 1926. Ano, III, N. 53, p. 3.

16 anos na cidade da Vigia, casado com a vigiense Januária Monteiro Ferreira. Era sócio de todas as Associações e ocupou cargos das diretorias da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto” e da São Sebastião. Dizia o anúncio “que pelo doloroso traspasse, hastearam em funeral os respectivos pavilhões durante o dia, tendo os sinos da igreja parochial dobrado. O commercio cerrou as portas”. O cortejo fúnebre saiu pela parte da tarde do dia 18 de janeiro, acompanhado pelas bandas musicais 31 de Agosto e União Vigiense¹⁵.

No dia 14 de novembro o jornal *Gazeta da Vigia* de 1926, anunciou o falecimento da criança Idalina, filha de Raymundo Ferreira Trindade e da senhora Alexandrina F. Trindade, o sepultamento saiu na parte a tarde até o cemitério público da cidade da Vigia, acompanhado pelas Bandas 31 de Agosto e União Vigiense. Segundo o jornal,

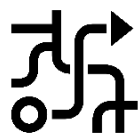
Durante a noite de 26 foi o cadaverzinho velado por muitas famílias das relações da família Trindade, desaparecendo sob grande profusão de flores, que recobriam e custoso ataúde forrado de cetim azul, em que foi encerrado. A 27, pelas quatro e meia da tarde, efetuou-se o enterro a que compareceram numerosas famílias e cavalheiros, sendo acompanhado pelas bandas “31 de Agosto” e “União Vigiense” a necrópole de S. Francisco¹⁶.

Por fim, temos notícia no jornal *O Critério* de 1929¹⁷, na seção denominada “Necrologia”, que noticiava o falecimento da senhora Maria Dolores Cabral e Silva. Diz a nota que, “em consequência do insucesso de um parto”, faleceu aquela senhora no dia 31 de janeiro, esposa do senhor Manoel Egydio da Silva. Ela era filha do musicista da banda 31 de Agosto, capitão Gregório Alves. O cortejo fúnebre aconteceu no dia seguinte, acompanhado pela banda 31 de Agosto, da qual a falecida era sócia.

¹⁵ Jornal *Gazeta da Vigia*, 8 de fevereiro de 1925. Ano, I, N. 13, p. 3.

¹⁶ Jornal *Gazeta da Vigia*, 14 de novembro de 1926. Ano, III, N. 51, p. 2 e 3.

¹⁷ Jornal *O Critério*, cidade da Vigia, 1 de fevereiro de 1929. Ano, I, N. 5, p. 4. Encontra-se uma cópia com o autor desse artigo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura do cortejo fúnebre com as bandas musicais esteve presente desde o início do século XX até a década de 1970. No jornal “*Cinco de Agosto*” de 11 de setembro até 20 de fevereiro de 1944, não constam notas de sepultamento com acompanhamento de bandas musicais. Isso, porém, não significa dizer que essa tradição tenha deixado de existir, uma vez que o formato ideológico do jornal poderia omitir tais anúncios.

Algumas famílias mandavam anunciar notas de agradecimento às pessoas que compareceram aos rituais fúnebres, ao padre Alcides Paranhos e à determinada banda musical. A presença da banda nos préstitos fúnebres - na residência do falecido, na Igreja Matriz e na Capela do Bom Jesus dos Passos - servia como forma de homenagear aquele ente querido ou de amenizar o sofrimento da perda. Assim, a banda não tocava músicas “animadas”, mas sim marchas fúnebres para essa ocasião.

Esses funerais eram realizados por parte de uma elite tradicional de Vigia, famílias abastadas do comércio, políticos e do setor burocrático. Todos associados dessas bandas e também de outras instituições, sendo comum que alguns fossem associados de mais de uma - ou seja, das duas bandas musicais - garantido com isso, o cortejo fúnebre acompanhado por ambas.

Em certos casos, o caixão era forrado com pano de tricoline de cor branco e a veste preparada com a mesma fazenda; em outros, o caixão era forrado de veludo negro com inscrições prateadas, isso dependia da condição financeira de cada família. Os cortejos eram acompanhados pelas autoridades civis, pelas associações religiosas e sociais, pelas famílias, parentes e amigos.

Dependendo do falecido, os músicos das bandas acompanhavam os cortejos fúnebres devidamente uniformizados. Essa cultura da banda de música ainda possui resquícios na cidade de Vigia na atualidade (2024), sendo comum a presença da banda quando ocorre o falecimento de um músico pertencente a ela. Em raras exceções, quando o falecido era simpatizante de alguma banda, a

família contratava o grupo para acompanhar com marchas fúnebres o cortejo de seu sepultamento.

Trata-se de uma cultura que vem atravessando os séculos, embora tenha mudado a sua dinâmica quanto aos interessados pela presença da banda durante o funeral. Atualmente, a banda de música nos cortejos fúnebres mantém a função de prestar grande homenagem ao seu ex-músico ou membro da diretoria, para agraciar o cortejo de uma família que teve seu ente querido uma vida dedicada àquela banda.

As bandas musicais da Vigia ainda são as maiores instituições de inclusão de jovens no mercado de trabalho. Das escolas musicais formam-se a maioria dos músicos que fazem parte das bandas musicais da Polícia Militar de Belém, do Corpo de Bombeiros e da Polícia Municipal. Também há músicos vigienses nas bandas musicais das Forças Armadas - Exército, Marinha e Aeronáutica - e na Banda musical do Corpo de Bombeiros do Estado de Macapá. Saíram dessas Bandas músicos que, hoje, são de renome nacional e até internacional; muitos deles também são compositores e arranjadores.

Em Vigia, as bandas musicais fazem parte do patrimônio imaterial da cultura musical da cidade. Os trabalhos desenvolvidos pelas bandas musicais, além das apresentações musicais, têm grande importância na vida dos jovens que estão aprendendo a musicalidade, pois mantêm viva a tradição musical da Vigia. O que fomenta a educação, a interação, oferece ocupação e oportunidade para centenas de jovens que delas participam.

As bandas musicais são parte integrante dos mais importantes acontecimentos vividos pelo povo vigiense, desde suas fundações, acompanhando com sua presença musical os eventos políticos, cívicos e sociais. E, principalmente, religiosos, ao fazerem parte dos festejos religiosos litúrgicos e profanos - não somente em Vigia, mas em diversos municípios paraenses.

REFERÊNCIAS

CORDEIRO, Paulo. *As Irmandades Religiosas em Vigia no século XIX*. Belém, Imprensa Oficial do Estado, 2013.

_____. *O Centenário da Banda Musical União Vigienense*. Cidade de Vigia-PA. Edição do Autor, 2016.

GOMES, Plínio Freire. *O Ciclo dos Meninos Cantores (1550 – 1552)*. Música Aculturação nos Primórdios da Colônia. In: Revista Brasileira de História. América, América. Editora Marco Zero. SCT. CNPq – FINEP. São Paulo, vol. 11, n.º 2 – setembro 90/ fevereiro 91, pp. 187/198.

HENRIQUE, Márcio Couto. “Introdução”. “A Irmandade e a religiosidade paraense no século XIX”. In: O senhor do céu não é o senhor da terra: a experiência religiosa dos escravos nas Irmandades paraenses (1839 – 1889). Monografia de conclusão do curso em Licenciatura e Bacharelado em História. Belém, UFPA, 1997. Mimeo IBGE – População estimada de 2018.

SANTOS, Eduardo. *Depoimento sobre os sons dos sinos da Igreja Matriz* – dado a Paulo Cordeiro, Vigia, 2020, de 50 anos.

SOEIRO, Antonio Igo Palheta. *Cultura funerária na cidade de Vigia no final dos oitocentos: transformações e permanências em torno do imaginário da morte (1860-1885)*. Monografia de Especialização em História da Amazônia pela Universidade Federal do Pará - UFPA, Belém, 2008.

LEITE, Serafim. *Suma Histórica da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa. Junta de Investigações do Ultramar, 1965.

NOGUEIRA, Raimundo Vasconcelos. *Depoimento sobre a cultura das bandas musicais* – dado a Paulo Cordeiro. Vigia 2019, de 86 anos (conhecido por “Parafuso”), in memoriam.

PAULA, Jeane Duarte. *Dinâmica da atividade pesqueira na Costa Norte do Brasil: variação espaço-temporal da captura em relação ao esforço da pesca*. Dissertação em Ecologia Aquática e Pesca. Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém, 2018.

RAIOL, Domingos Antônio. *Motins Políticos: ou história dos principais acontecimentos políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835* (III e IV tomos), Belém, Universidade Federal do Pará, 1970.

REIS, João José. “O cotidiano da morte no Brasil oitocentista”. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). *História da vida privada no Brasil* (v.2), São Paulo, Companhia das Letras, 1997, pp. 95-141.

SILVA, Érika Amorim da. *O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do século XIX (1850-1891)*. Dissertação de mestrado, PUC-SP, 2005.

SALLES, Vicente. *Sociedade de Euterpe. As Bandas de Música no Grão-Pará*. 2ª Edição do Autor. Brasília, 1985.

ANEXOS



Figura I – Banda 31 de Agosto na década de 1970

Fonte: Arquivo site da culturavigilenga.com.br



Figura II – Banda União Vigiense de 1925

Foto: arquivo da banda musical União Vigiense.

CORTEJO FÚNEBRE ACOMPANHADO PELA BANDA MUSICAL UNIÃO VIGIENSE



Figura III – Saída do cortejo fúnebre acompanhado pela banda musical União Vigiense.

Fonte: Arquivo Paulo Cordeiro, julho de 2024.

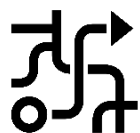


Figura IV – Cortejo fúnebre percorrendo a Av. Marciolino Alves em direção ao cemitério municipal.

Fonte: Arquivo Paulo Cordeiro, julho de 2024.



Figura V – Cortejo fúnebre acompanhado pela banda musical União Vigiense, chegando ao cemitério municipal São Francisco.



Fonte: Arquivo Paulo Cortejo, julho de 2024.x

Recebido em: 11/04/2025

Aprovado em: 03/11/2025